

O PANORAMA.

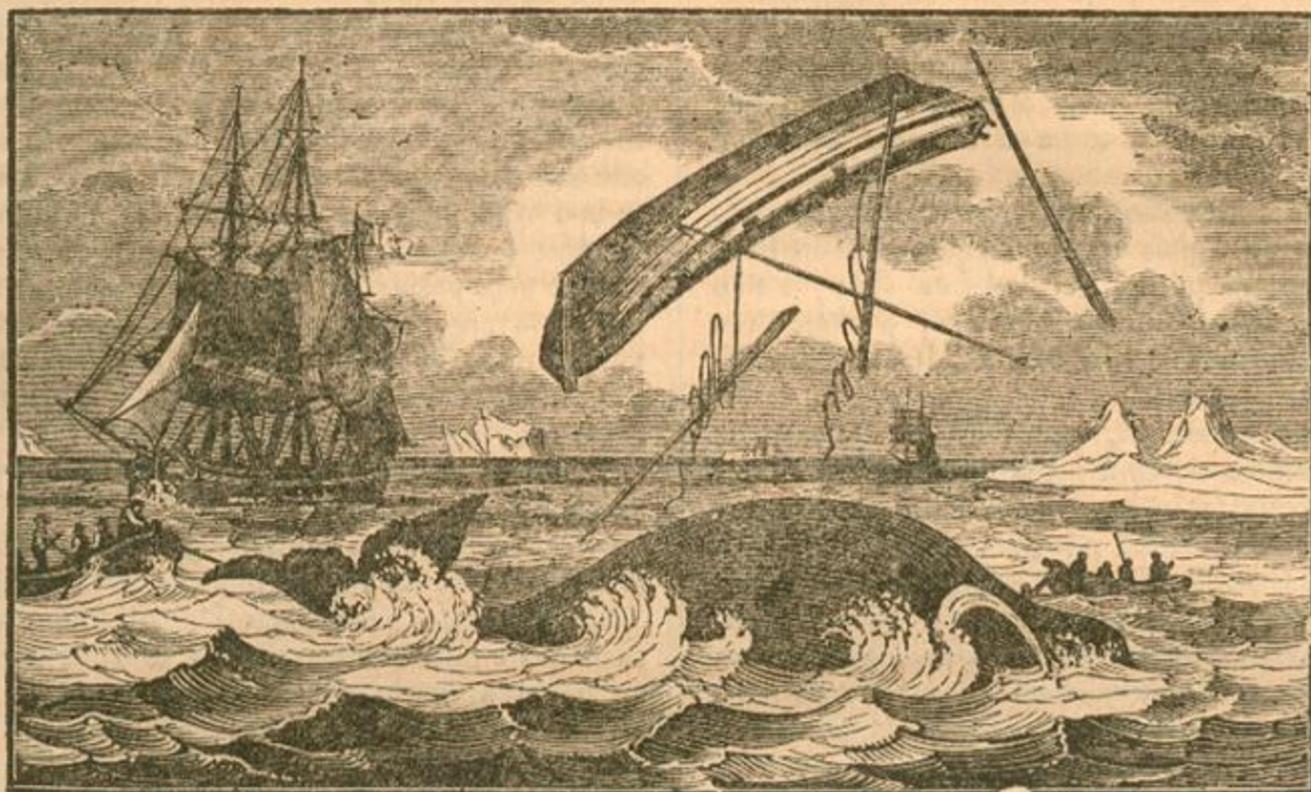
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

5.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JUNHO 3, 1837.



PERIGOS DA PESCA DA BALEA.

A BALEA—E A SUA PESCA.

Os CETACEOS, que formam a undecima familia, ou ordem, da grande Classe dos Mammaes, e que tem por caracter distincto a falta d'extremidades posteriores, foram por muito tempo confundidos com os peixes; e de facto habitam na agoa, posto que toda a sua organisação interna se assemelhe á dos mammaes ordinarios. Não tem pello: a cabeça é na parte anterior bastante achatada, e os queixos alongados: as ventas n'uma direcção mais ou menos perpendicular, segundo as especies, e se lhes dá o nome de respiros, porque os Cetaceos jorram por elles a agoa a uma grande altura. Só uma especie de Cetaceos tem dentes, que, por sua situação, se possam chamar incisivos: as outras especies tem só molares, ou são inteiramente destituídas de dentes. Todas tem a pelle forrada de um toucinho oleoso, e os olhos pequenos; e commummente uma barbatana vertical sobre o dorso, além das anteriores, e da caudal, ou do rabo: não tem pescoço distincto, nem concha do ouvido, mas sómente um pequeno conducto auditivo. Os generos são: os Golphinhos (*Delphinus*); os Cacholottes (*Physeter*); as Baleas (*Balaena*); e o Unicornio (*Monodon*).

O genero das Baleas, que formam o objecto do nosso artigo, tem os respiros no meio da cabeça; e em lugar de dentes, laminas triangulares de uma substancia fibrosa, com rijeza e elasticidade cornea, enxeridas verticalmente no paladar, e apinhadas parallelamente, e na borda livre com fibras delgadas, que servem de embaraçar, e deter os pequenos animaes, de que se nutre a Balea: a esta substancia se dá no commercio o nome de *barba de balea*.

Distinguem-se duas especies de Balea. — A Balea ordinaria do Norte (*Balaena mysticetus*, Lin.) é o maior dos animaes conhecidos: pescaram-se em outro tempo algumas de cento e vinte pés de comprido; porém no tempo presente não apparecem com mais de oitenta, fazendo a cabeça o terço deste comprido.

VOL. I.

mento: sua boca contém de quinhentas a seiscentas barbas de balea, e todo o peso do animal deita acima de trezentos milheiros de libras. Não tem barbatana ao longo do espinhaço, como a outra especie, que é a Balea gibbar (*Balaena physalus*): esta é do comprimento da Balea ordinaria, ou talvez maior, porém mais delgada; é muito mais activa, e por consequencia mais difficil de apanhar, e menos productiva em azeite, porque tem menos toucinho: tem as barbas mais curtas e nodosas, e igualmente a tal barbatana dorsal, pelo que os baleeiros inglezes lhe chamam *razor-back*, costa anavahada.

As Baleas se nutrem de pequeninos molluscos (1), abundantissimos nos mares em que ella habita. Causaria maravilha como tão grande vulto póde alimentar-se com tão diminutos animalculos; mas a nossa admiração deve cessar logo que examinarmos a sua economia animal. A boca da Balea é de enorme tamanho, e, quando aberta, apresenta uma concavidade como uma camara pequena. Ella faz as vezes de um coador em separar o alimento da agoa; porque, como já dissemos, é composta de obra de trezentas laminas de *barba de balea* em cada lado da queixada superior: estas laminas tem as extremidades mais largas engastadas nas gengivas, e as mais estreitas continuam pela parte superior da boca, e assim formam a caixa do que chamamos um coador; e as bordas das ditas laminas são recortadas em innumeraveis fibras ou sedas, que dão áquella parte superior da boca a apparencia de uma vasta escova. Quan-

(1) Os *Molluscos* são uma classe de animaes de sangue branco, cujo corpo, ou pelo menos os membros, não tem ossos por dentro, inda que alguns sejam envoltos em uns estojos solidos, e até de natureza de pedra, chamados conchas (*testa*); e a estes se dá em particular o nome de *Testaceos*. Estes, e os que são de todo nús, comprehende o Barão Cuvier debaixo do nome commum de *Molluscos*, formando a quinta classe no seu Systema de classificação dos Animaes. Assim os Polvos, os Caracões, os Mexilhões, são Molluscões, posto que pertencentes a generos, e ordens distinctas.

do a Balea come é por este modo: náda com summa velocidade por baixo da superficie da agoa com as queixadas abertas, e toma na boca espaçosa um volume d'agoa, onde fluctuam em grande quantidade os animaes que lhe servem de pasto; a agoa se escôa pelos lados, mas vai, por assim dizer, peneirada pela escova ou coador de *barba de balea*, que é tão compactamente construido, que nem uma só particula de alimento deixa escapar: a direcção do fluxo da agoa, e as fibras da barba impellem os animalculos para o orificio da goela; então fecha a boca e os traga de um só jacto. Findo isto torna a começar a mesma operação.

Os olhos da Balea são desproporcionados ao tamanho por pequenos, pois excedem pouco aos do Boi: comtudo o animal possui soffrivel boa vista; e não tem, segundo diz o Capitão Scoresby, o ouvido tão embótado, como o faria suspeitar a falta absoluta de toda a externa apparencia daquelle órgão.

As Nações Europeas enviam todos os annos mais de trezentas embarcações á pesca da Balea nos mares do Norte, a qual principiou no seculo duodecimo, tendo por objecto principal o azeite, que se extrahê da gordura deste Cetaceo. E como esta pesca, sendo objecto de grande interesse, o é tambem de muita curiosidade, daremos aqui o extracto do diario de um navio baleeiro, onde se particularizam as suas mais essenciaes circumstancias, na persuasão de que o Publico Portuguez folgará de as saber, agora que uma forte empreza nacional encetou a mesma carreira.

O navio, do lote de 370 toneladas, deu á véla de Whitby, villa do Condado de York, em Março de 183—, e dirigiu-se ao porto de Lerwich, das ilhas de Shetland, no mar da Escocia, para concluir seus preparativos, conforme ao uso da maior parte dos baleeiros do Norte; e dahi fez-se á véla a 3 de Abril para o Estreito de Davis. O local para a pesca tinha recentemente mudado, porque o animal fôra obrigado, por um dilatado periodo de perseguição a abandonar as paragens das costas occidentaes da Groenlandia, e mares circumvisinhos, quando a sua abundancia na Bahia de Baffin era certificada por diversas viagens de descobrimento, feitas naquella região durante os ultimos quinze ou vinte annos. As Baleas abundam mais no mez de Junho, e posto que se encontrem em todas as alturas, são mais frequentes e maiores nas visinhanças das grandes massas de gelo.

Logo que chegaram á latitude, em que esperavam encontrar *peixe*, pozeram as lanchas promptas para um caso repentino, e todos os mais preparativos, com tres lanchas por banda, suspensas de modo, que, ou uma, ou todas se arreassem n'um minuto, logo que a Balea estivesse á vista. Uma lancha baleeira tem de vinte e quatro a trinta pés de comprimento (36 a 45 palmos); e é construida de maneira que reuna as propriedades de se manobrar, e vogar com presteza, e de aguentar esforços consideraveis, e mares cavados: cada uma tem d'equipagem sete a nove homens, e leva sete a oito quintaes de linha-baleeira, e apparelhos: são largas á proporção, para resistir aos esforços do animal quando mergulha, que a não ser isso as puxaria para debaixo d'agua, accidente que todavia não é muito raro. Cada uma, quando está em exercicio, anda provida com dois arpões ou físgas, seis ou oito lanças, e cinco a sete remos; uma pequena flamula, que se arvora na pôpa quando a Balea está físgada; um *tail-knife* (corta-rabo) para cortar as barbatanas á Balea morta; um arrimo ou decanço em que se põe o arpão para estar prompto a todo o instante; machadinha para cortar a linha sendo necessario; um balde pequeno para despejar a lancha, e humedecer a linha, que se vai largando, a fim

de prevenir que pela fricção prenda fogo na lancha; fateixa, croques, pá de arredar neve, e outros artigos de pouca monta. As lanchas maiores tambem são fornecidas com pequenos cabrestantes para recolherem, depois de morta, a Balea, e a linha que lhe largaram.

O arpão se prepara com uma peça de corda, de cousa de sete varas de comprimento, entrelaçada com a cana ou verga do arpão, cuja grossura, onde entra o cepo, não deixa escorregar a corda: a outra ponta desta corda é pregada ao cepo, que estando mettido na dita verga ou cana com firmeza sufficiente para não sahir do logar no acto do arremessão, não obstante isso é abalado pelos movimentos da Balea ferida. O objecto deste arranjo é que a pega do arpão farpado não seja prejudicada pelo movimento de uma comprida alavanca como o cepo, e que este ultimo, estando amarrado ao arpão, sirva para indicar a situação da Balea por debaixo de agoa, porque fluctua na superficie, e se não perde.

Todos os arpões tem esculpido o nome do navio, para no caso de se evadir a Balea, e de ser o arpão recuperado por outra embarcação, poder determinar-se o direito do navio proprietario.

Depois destes preliminares se alimpam e aguçam as pontas e farpas dos arpões, e se cobrem com lona, ou papel azeitado para os conservar assim até que sejam mettidos nas lanchas, e amarrados ás linhas para uso immediato.

As linhas-baleeiras são fabricadas do melhor cânamo, e feitas com todo o cuidado. Tem de diametro tres quartos de pollegada, e de comprimento 120 braças; e a bordo de cada lancha se mettem seis juntas umas ás outras. Preso o arpão a uma ponta, o resto da linha é enroscado com toda a regularidade nos repartimentos da lancha, e a outra extremidade tem de prevenção uma azêlha, para poder accrescentar-se outra porção de linhas d'outra lancha, no caso de precisão.

Sabido isto, voltemos aos pescadores do nosso navio. A 23 do mez de Abril deram vista de um *peixe*, como vulgarmente lhe chamam. Dois marinheiros saltaram no mesmo instante para as lanchas, que em menos de um minuto estavam já n'agoa, e foram demanda-la; e porque se descobriram mais outras Baleas, immediatamente seguiram os primeiros mais duas lanchas para os assistir e ajudar. Primeiramente fizeram força de remos para uma planicie ou ilha de gelo, junto á qual se tinha visto o animal, alongando todos a vista, anciosa pela sua re-apparição, que, felizmente para o exito da pesca, se effectuou obra de um quarto de milha mais adiante. Conservado o maior silencio, porque estava um tempo tão sereno, que se corria o risco, de com a bulha dos remos, inda que habil e mansamente agitados, espantar a Balea, o homem do governo ordenou aos marujos que parassem, em quanto elle vogava para o animal por meio de um remo especialmente empregado, nestas occasiões, para governar em vez do leme. Mas a distancia tinha sido avaliada pelo baixo, e antes que a lancha estivesse bem a tiro do arpoador, o curto espaço de tempo, que a Balea permanece á superficie, decorreu, e o animal de novo desapareceu: mas pela direcção em que jazia, e pelo redemoinho que se ergueu quando profundou, os marujos ficaram aptos para a seguir sem perder muito caminho. Todavia remaram duas milhas completas antes que a Balea surgisse á superficie; e quando ella tornou a apparecer, estava a distancias quasi iguaes das tres lanchas, que já a este tempo iam todas em seu seguimento, por ser a maior das Baleas, que tinham descoberto. Todas as lanchas, com ancia da presa, se foram chegando cautelosamente, e quando uma se precipitou

sobre o animal, as outras duas não ficavam a doze braças de distancia.

O arpoador dardejou a sua arma com tal força, que a encravou quasi até ao cepo no toucinho, e os seus companheiros, d'antemão prevenidos, forçaram os remos simultaneamente para se pôrem fóra de perigo; mas uma das outras lanchas foi menos afortunada. Na convulsiva dôr causada pelo golpe, a Balea, que era um colosso, dando meia volta em obra de um segundo antes de profundar, com uma pancada do rabo atirou pelos ares a lancha mais proxima; e os marinheiros, remos, eapparelhos, dentro de um instante, andavam á tona d'agoa. Acudiu-lhe immediatamente a terceira lancha, e assim ficou a primeira sem o apoio tão necessario no momento. O homem do governo içou o gallardete de signal, e os remeiros successivamente foram erguendo ao alto os remos para indicar precisão de mais linha: a Balea no mesmo instante profundou, e o arpoador, posto que tinha feito uma ou duas roscas de linha á roda do *bollard* (2) para retardar mais por via da sua fricção o movimento do animal, estava receoso de ter que largar toda a linha que levava antes que lhe trouxessem mais; e a menos que se não sujeitasse á grande perda da Balea, incorria no perigo de ser arrastado por baixo da massa de gelo, para onde o animal se accelerava com tal velocidade, que exaurindo a linha, arrastava a lancha por meio da agoa, abrindo um sulco, que erguia sobre as amuradas de cada banda altura sufficiente para a alagar.

Do navio se avistou o signal da primeira lancha, e o homem do quarto bradou = perigo, perigo =, e os marujos das lanchas restantes, que estavam descançando, saltaram ao convez com o fato nas mãos, e logo para as lanchas, assim desprevenidos para supportar a aspereza de uma geada, que baixa o thermometro a sete gráus. Os remadores íam satisfeitos por adquirir a presa, e faziam altos esforços para alcançar a primeira lancha, aos quaes incitavam os urgentes e amiudados signaes de soccorro; mas era necessario remar tres milhas; e a grande quantidade de gelo, que de noite se formára, retardando o seu progresso, mallogrou a diligencia. O arpoador vendo que os seus camaradas não chegavam a tempo, e achando-se a poucas varas do perigo a que de tão perto expoz a lancha pela ancia de não largar o *peixe*, foi obrigado a ceder ás circumstancias; e tendo pelo mesmo motivo deitado roscas de linha addicionaes á roda do *bollard*, para as largar quando conviesse, pegou da machada, e cortou a corda pela amurada tanto a tempo, que o impeto com que a lancha foi d'encontro ao gelo produziu tal choque, que arrojou a todos fóra dos seus logares, e os empilhou para o lado de estribordo.

Os marujos saltaram logo sobre a ilha de gelo, e tendo posto em salvo suas lanças e apparelhos, amarraram a lancha á borda com a proa bem alta para não ir a pique, esperando pelas outras. Entretanto com aquella indifferença aos perigos, que caracteriza as pessoas acostumadas a elles, se occuparam em matar ás lançadas algumas phocas, a quem tinham interceptado a fuga para o mar.

As lanchas, que voavam em seu auxilio, logo que deram fé de ter escapado a Balea, de que a lancha estava arruinada, e a gente em salvamento, acharam mais acertado deixa-los nesta situação por breve tempo, e proseguir em ajudar a captura de outra Balea,

(2) O *bollard* é um troço de páu curto e forte, ou uma estaca, arvorado na pôpa da lancha para aquelle fim. E' tal a fricção da linha deslizando-se ao redor d'elle, que deita fumo, e pegaria fogo, se não o estivessem continuamente molhando, e á corda.

que já tinha aferrado outra das lanchas, que primeiro se deitaram ao mar. Já esta não tinha mais linha para largar, quando chegaram mais tres, e taes foram os esforços do animal para escapar, que lhes aconteceu quasi o mesmo. Sobreveio a ultima das que estavam capazes de serviço, exactamente quando a Balea já exausta de forças consentia ás lanchas puxarem as linhas, e acercarem-se della. Então accommettendo-a com as lanças a acabaram em menos de dez minutos.

Tractaram logo de segurar a presa, passando um cabo por dois buracos feitos no rabo com a *tail-knife*, que dissemos, amarrando-o por uma ponta á proa de uma lancha. Recolhidas as linhas, e tendo tambem cingido as barbatanas cruzadas sobre a barriga do *peixe*, que é a parte que fluctua depois de morto, ficando uma lancha de guarda á presa, até que voltassem para ajudar a dar-lhe reboque, se foram as outras em demanda dos companheiros refugiados na ilha do gelo.

Estes logo que se viram abandonados tentaram descobrir a direcção, que levára a sua Balea: para o que pesquisaram toda a ilha em busca de concavidades, aonde a Balea vem respirar quando não surge de novo por debaixo do gelo para a agoa liquida; mas aquelle aonde se achavam era sobejamente grosso e compacto, para que o animal podesse quebra-lo erguendo a cabeça para respirar, nem havia fendas ou aberturas filhas de outras causas: por consequencia reconheceram que ella voltára para o mar.

Durante as suas indagações tinha variado o vento, e sobrevindo um nevoeiro, com elle se viram embaraçados, e suspeitando que não só o navio levantaria donde estava, mas tambem as lanchas não poderiam vir toma-los, o seu unico recurso era esperar que o tempo aclarasse, e o navio voltasse á mesma paragem, e mandasse por elles. A situação era horrivel. Podiam ficar sem alimento, e desabrigados do vento penetrante, que augmentava com violencia, por um ou mais dias; e podiam finalmente perecer, se a ilha descahisse tanto, que não podesse haver certeza della. O oceano encapellando-se cada vez mais por causa do vento, provavelmente estalaria as massas de gelo, que elles occupavam, e ou seriam esmagados pela concussão de umas impellidas contra as outras, ou abysmados nas fendas.

Todos viram e conheceram o perigo, mas como homens já habituados aos trabalhos, não gastaram palavras em lastima-lo. Contentaram-se em andar em continuo movimento, correndo em diversas direcções, tão longe quanto a prudencia o permittia; para prevenir os fataes effeitos do frio excessivo, espreitando sempre qualquer estrondo, ou indicio, conducente ao seu resgate.

As lanchas que os íam buscar, quando o temporal se levantou, conhecendo que havia de crescer, e que na distancia a que se achavam do gelo, era-lhes impossivel alcança-lo com um vento tão rijo contrario, seguiram para o navio, que estava á vista no horisonte, sabendo que em poucas horas teria de mudar de paragem.

O capitão, e o segundo contramestre, com maruja escolhida, passaram a equipar a lancha melhor, providos de todo o necessario para um ou mais dias. O navio debaixo do commando do primeiro contramestre, que sabia onde ficára a Balea, mettu a proa a essa direcção, para se aproximar á lancha que lhe ficára de guarda, porque dava tanto cuidado a gente desta como a que ficára no gelo.

Tanto daquella lancha como do navio dispararam interpoladamente tiros de espingarda, como signaes para os companheiros de que andavam perto, e íam em sua ajuda. Dentro em pouco o navio manobrado

habilmente alcançou a presa, e a sua vigia, e apesar do encapellado das vagas receberam a gente a bordo, e levaram a Balea a reboque, que era o que podiam fazer até que o vento amainasse.

Felizmente d'ahi a seis horas a atmospheria estava limpa e serena. A Balea ía então atoadada por bom-bordo, e segura ao navio por um apparelho, que seria inutil descrever, e que a levantava fóra d'agoa o mais que tão enorme peso permittia. Então começaram a operação de *desmanchar*. Os homens tinham çapatos guarnecidos de puas para se firmarem na superficie escorregadia da Balea; os arpoadores, debaixo da direcção de um intelligente na materia, cortavam o toucinho em grandes peças oblongas do peso de meia até uma tonelada, que eram içadas com o competente apparelho para o convez. Os marinheiros cortavam cada uma em pedaços do tamanho de um pé cubico, que se arreavam para o porão provisoriamente.

Tirada toda a gordura da barriga e cortada a barbatana direita, deram volta á carcassa por meio de um apparelho seguro ao mastro de proa, e manobrado com o cabrestante, para fazerem o mesmo ao toucinho da parte superior, e á outra barbatana; e subsequentemente lhe foram tirando as beíquadas, e as barbas. Estas foram immediatamente rachadas por meio de cunhas proprias para isso (*bone-wedges*), compostas de cinco a dez folhas ou laminas cada uma, e depois as arrimaram. Finalmente cortaram a longa facha de toucinho que rodeava o pescoço, a qual tinham deixado para se poder dar volta ao corpo, mas que sendo pouco a pouco desapegada da carne, tinha ficado como uma cinta que segurava a ossada: então deixaram ir a pique os restos mutilados, até que a inchação, que acompanha a putrefacção de novo os levantasse ao lume d'agoa, para serem pasto dos passaros, tubarões, e dos ursos dos gelos, podendo chegar-lhes.

Em quanto se executava esta operação, que consumiu quasi cinco horas em razão do grande tamanho da Balea, esperavam ter a satisfação de ver chegar o capitão com os outros companheiros, e o bote arruinado: mas como os não avistavam, o contramestre novamente poz a proa ao nordeste, esperançado em os encontrar com brevidade, e ao mesmo tempo descobrir mais pescaria. Realisou-se esta ultima expectação, e dentro em poucas horas todas as lanchas estavam em nado, perseguindo as numerosas Baleas, que appareciam ao largo. Afferraram mais tres, e espatifaram duas antes que chegasse o commandante, que se tinha demorado na ilha de gelo pela necessidade de reparar sufficientemente a lancha para supportar os mares e receber a equipagem. Felizmente o vento tinha sido norte, e como o gelo os abrigava delle, não foram muito incommodados. Os marujos estavam bons, e os foram encontrar a cento e vinte braças da margem do gelo, porque tendo-se este partido em varias porções, se tinham acolhido á maior.

Recolhidos ao navio, foi tão prospera e abundante a pesca, que precisaram proceder á necessaria *separação*, que consiste em despegar do toucinho, arrimado temporariamente, toda a carne, e pelle, que não produz azeite, e que o podia arruinar, embarricando-o em cascos levados para esse fim.

A scena de alvoroço e de actividade, que apresentou o navio em muitas semanas é inexplicavel. A vista daquellas mantas enojosas de gordura, o fetido, que sahia do porão, e dos toneis, que se destapavam para recolher o toucinho, são cousas, que não poderia supportar o estomago do homem habituado á terra: porque não obstante os maiores esforços nesta operação praticados, a maruja nunca embarrica um *peixe* sem ter outro prompto para *desmanchar*. Os

mais pequenos espaços entre as cobertas estavam por isso cheios de toucinho, e de barbas de balea, e uma grande parte da equipagem teve de ficar algumas horas no gelo, a sotavento do qual o navio estava amarrado, em quanto a camara da pópa estava occupada para seus trabalhos.

Em toda esta viagem o contratempo mais fatal, que experimentou o navio, foi a perda de tres homens durante o prolongado trabalho para o sacar de uma grande mole de gelo, onde estava embaraçado; sendo necessario abrir passagem á força de ferro e de braços. Rebocando o navio por esta abertura, uma ancora se foi pelo gelo abaixo; e nesta occasião, os tres homens de que fallamos, foram muito activos, e tinham ido com perigo imminente atravez dos gelos alar um cabo, quando uma corrente inesperada poz tudo em movimento — um grande pedaço foi d'encontro áquelle onde estavam os homens, amontoando-se com espantosa confusão, e deixando dois delles esmagados debaixo de um peso de muitos quintaes.

O terceiro foi empurrado para a agoa; e como por effeitos do mesmo impulso tinha estalado um dente á péga da ancora, o navio foi á garra, e só passadas duas horas se pôde conseguir recolher o homem, que se tinha segurado a um pedaço de gelo: por isso quando o trouxeram para bordo estava sem dar acôrdo de si: os vestidos, e tambem o cabello, estavam empastados de gelo, e foi mister rasga-los para lh'os tirar do corpo: e posto que em consequencia de incessantes socorros, que se lhe applicaram por espaço de quatro ou cinco horas, recobrou os sentidos; com tudo o effeito sobre o seu physico foi fatal, e morreu dois dias depois.

O navio teve que batalhar com o tempo borrascoso, e com todos os perigos da navegação pelo meio dos gelos, em circumstancias taes, perto de dez dias; com tudo felizmente escapou a todo o prejuizo grave, e conseguiu manobrar em mar livre de gelos. Chegando-se o fim da monção, e estando o capitão satisfeito com a pesca, tendo apanhado cinco *peixes*, fez-se á véla para Inglaterra, aonde chegou a salvamento com uma breve viagem de pouco mais de tres semanas.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

UMA observação mui simples basta para demonstrar a necessidade, e a utilidade da instrucção popular, e para combater victoriosamente, e reduzir ao silencio os amigos e defensores da ignorancia do povo.

O homem não é ligado a deveres e obrigações, senão por que é um ser moral; e não é um ser moral, senão porque é intelligente. Os deveres do homem nascem e morrem com a sua intelligencia. O menino no berço não tem deveres: o insensato tambem os não tem: nem o bruto. Se o homem perde o uso da razão, os seus deveres cessam ou ficam no entretanto suspensos; e só renascem, quando elle recobra o seu juizo e a sua intelligencia.

Para que o homem, porém, conheça e possa cumprir os seus deveres, requer-se um certo gráu de cultura em suas faculdades. Sem isso nunca elle poderá bem governar a sua casa, nem educar convenientemente os seus filhos, nem dar prudentes regulamentos e conselhos á sua familia, nem prestar aos seus semelhantes os serviços, que delle devem esperar, nem, finalmente, render verdadeira, razoavel, e digna homenagem ao seu Creador.

Commette, pois, um perigoso erro — direi mais — commette um grande crime quem se oppõe a esta tão necessaria e tão facil cultura. Convém antes aconselha-la, promove-la, favorece-la: convém trabalhar incessantemente na instrucção de todos os homens,

sem excepção alguma; derramar a luz dos conhecimentos uteis, de maneira que a sua benefica influencia chegue a todas as classes da sociedade.

Mas não nos enganemos, confundindo as idéas que estas palavras exprimem.

Quando desejamos, por exemplo, que os homens, destinados para o exercício da lavoura, para as artes fabrís, para os varios mesteres da sociedade, *saibam ler*, não queremos que elles se habilitem para ler muitos livros, para gastar nisto a vida, para virem a ser grandes letrados: não pretendemos encher o mundo de sabios e eruditos. Cumpre ter idéas mais justas da instrucção que recommendamos, e dos resultados que della pretendemos obter. O nosso fim é tão sómente, que cada individuo tenha os meios de empregar, com maior proveito seu e da sociedade, as faculdades, que Deos lhe concedeu: que tenha os recursos, de que póde precisar, em qualquer situação, em que a Providencia haja de o collocar.

Os meninos pobres, que frequentam as escholas elementares, tiram desde logo a grande utilidade de livrar-se da ociosidade, da distracção e dissipação do espirito, dos perigos de uma vida vaga e desoccupada, da inclinação ao jogo e aos folguedos tumultuosos daquella idade. Ao mesmo tempo vão contrahindo o habito da applicação, da ordem, da obediencia, do amor do trabalho, da piedade, da reciproca affeição de uns para com os outros, &c.

Além disso: a simples instrucção de ler, escrever, e contar desenvolve, pouco ou muito, nos meninos as suas faculdades, e lhes dá um certo gráu de cultura moral. Os homens, que teem aprendido aquellas artes, ainda quando em toda a sua vida não abram um só livro, sempre serão mais intelligentes, mais doces, mais razoaveis, e consequentemente melhores, e mais habeis officiaes de seus officios, do que aquelles, cujas faculdades se teem conservado como entorpecidas no meio da grosseira e estúpida ignorancia.

Ultimamente, se alguns destes meninos pobres sahirem das escholas com uma grande e bem determinada propensão para os livros, e para os estudos, o que, certamente, se não verificará na maior parte, nem por isso a sociedade perderá. Muitos homens se teem collocado por este modo em uma ordem superior á sua primeira condição, e teem feito relevantes serviços ás sciencias, ás artes, aos estados e á humanidade. Quanto mais, que ha livros, cuja leitura é sempre boa e util, e talvez necessaria em qualquer situação ou estado do homem. Os meninos que frequentam as escholas, aprendendo bem o seu catecismo, dão o primeiro passo para o amor da religião: depois de grandes lerão com gosto e utilidade o divino Evangelho... prouvera a Deos, que todos gastassem nesta admiravel lição uma hora de cada dia! Outros lerão, tambem com fructo, as obrinhas elementares e populares, que tractam de seus officios, artes, e mesteres. O habito destas leituras influe pouco a pouco nos costumes, e é um dos meios de evitar os vicios, que acompanham a ociosidade. Taes são os resultados da primeira instrucção. Temos visto pessoas, aliás sensatas, reccar e reprovar a propagação do ensino popular por um bem estranho motivo. Dai educação (dizem elles) ao filho de um artifice, de um agricultor: elle deixará logo a profissão de seu pai. — Quando a instrucção se fizer commum, ninguem quererá exercer officios humildes e laboriosos.

Parece, em verdade, incrivel, que haja homens tão pouco reflexivos, ou tão preocupados, que deem peso a tão futil objecção.

Se um homem rico (por exemplo) chamar á sua casa o filho do seu quinteiro, ou de um official pobre, o mandar educar com seus proprios filhos, o fi-

zer trajar vestidos ricos e preciosos, lhe fizer aprender as linguas sabias, e as artes de luxo, natural parece, que o menino venha por tempo a desdenhar o estado, a vida, o officio de seu pai; que lhe seja penoso e repugnante lançar mão ao arado, á enchada, ao machado; que se não julgue igual, mas superior, aos seus visinhos; e até que venha a desejar e a pretender empregos.

Mas se aquelle homem rico tiver uma generosidade mais illustrada; se, em lugar de dar ao menino pobre uma educação brilhante, mas perigosa, estabelecer na sua aldêa uma eschola elementar, a que possam concorrer todos os meninos pobres, e aonde se não ensinem estudos alguns superfluos; por certo que todos os meninos, que a frequentarem, receberão ahí principios religiosos, idéas e maximas moraes, regras de bons e virtuosos costumes: todos aprenderão a ler, escrever, e contar: todos saberão bem o seu catecismo, e respeitarão as obrigações religiosas, civís, e domesticas: nada os excitará a abandonar, e ainda menos a despresar, o officio de seus pais: nada concorrerá para alterar essa igualdade, que se deseja conservada: em fim não haverá na aldêa senão uma unica differença: — que os seus habitantes serão mais intelligentes, e menos ociosos: que terão mais juizo, e mais probidade: que valerão, consequentemente, um pouco mais que d'antes.

HOMERO.

ESCAÇAS noticias temos ácerca da litteratura grega dos tempos anteriores a Homero, e até essas são mais conjecturas do que memorias certas. É verdade que existem fragmentos attribuidos a Orpheo: mas estes, além de duvidosos, são assaz diminutos. O que parece indubitavel é que Homero não foi o primeiro poeta da Grecia. A parte externa da Iliada e da Odyssea, isto é, o estilo e o rythmo, ou versificação, é mui perfeita, para supormos que Homero fosse o seu inventor. Entretanto nada chegou até os nossos dias, desses tempos remotos; e é no poeta de Smyrna que principia a historia litteraria dos gregos.

Homero viveu ou oito seculos antes da era vulgar, como quer Barthelemy, ou dez, como pertende Pope: quanto á sua patria, sete cidades da Grecia disputaram entre si a gloria de lhe ter dado o berço. Para os modernos a questão ainda pende entre a ilha de Chios e a cidade de Smyrna, mas a crença mais seguida dá a palma a esta ultima.

A Iliada, que é o principal poema de Homero, tem por objecto a epocha mais importante da guerra de Troya, que, verdadeira ou fabulada, dizem haver durado dez annos. Offendido Achilles por Agamemnon, recusa combater com os Troyanos, e por sua falta estes levam a melhora dos Gregos, que chegam finalmente a verem-se nos ultimos transes do vencimento. Então Patroclo, o amigo intimo de Achilles, pede a este permissão para, revestido das armas do heroe, combater Heitor, o mais valente dos Troyanos. Patroclo é morto na peleja, e Achilles enfurecido voa ao campo de batalha, vence e mata Heitor: — arrasta-lhe o cadaver á roda dos muros da cidade, e entrega-o por fim ao rei Priamo, que, banhado em lagrimas, lhe vem pedir o corpo de seu filho. O poema termina com o funeral de Patroclo.

Tal é a materia da Iliada, desse quadro magestoso das idéas, da sciencia, dos costumes, e da crença dos tempos primitivos da Grecia. A rudeza da maior parte dos objectos, nelle traçados, desageita-se geralmente ao nosso modo de pensar actual, pelo mesmo motivo que Ulysses ou Agamemnon seriam pessimos generaes em um exercito moderno, e que a força

prodigiosa dos heroes da Iliada fôra de bem pouco momento contra um mosquete, ou uma peça de artilharia. No poema grego, os homens apparecem como são naturalmente, e não como a natureza os tem modificado: alli, as paixões ainda não são hypocritas, nem o valor ficticio: os guerreiros insultam-se uns aos outros com uma sinceridade selvagem, e o mais debil, fugindo ante o mais forte, confessa-lhe a superioridade. Quanto ao merito poetico da Iliada, a opinião de mais de vinte e cinco seculos confirmou Homero na posse de um distinctissimo logar entre os poetas historicos. A brevidade, de que necessitamos, não nos permite dar aqui um juizo ácerca d'elle, e além disso, e poesia sente-se melhor do que se julga. Na falta de uma traducção portugueza da Iliada, de que não temos senão o primeiro livro pessimamente vertido, aconselhamos aos que entenderem o Italiano a leitura da versão de Monti, o primeiro traductor que, em uma lingua do meio-dia da Europa, soube mostrar-nos o que era Homero. Das traducções francezas, que conhecemos, a melhor é a de Bitaubé.

Crê-se que a *Odyssea* foi composta por Homero no ultimo quartel da vida. Elle havia perigrinado muito, e por isso tinha noticia das fabulas, da historia, e dos costumes de varios povos: os velhos gostam de contar o que viram, ou por tradição souberam; e este desejo natural foi quem provavelmente produziu a *Odyssea*, poema cuja variedade excede muito a da *Iliada*, mas que, fructo de uma imaginação cansada, é languido e mal traçado. O seu objecto são as viagens de Ulysses depois do cerco de Troya, e os seus extraordinarios casos, dos quaes alguns são no genero dos de *Palmeirim d'Inglaterra*, e outros no gosto das *Mil e uma Noites* e dos mais contos arabios. Salvini e Pindemonti a traduziram em italiano. A traducção do primeiro, que tambem verteu a *Iliada*, é muito inferior á do segundo, e muitissimo á franceza de Bitaubé, de quem já havemos fallado.

Além da *Iliada* e da *Odyssea*, grande numero de poesias se attribuem a Homero, das quaes umas existem, outras inteiramente se perderam; mas ha muito quem assevere que Homero nada mais compoz do que a *Iliada* e a *Odyssea*. Destes poemas duvidosos restam a *Batrachomyomachia*, ou *guerra das rãs e ratos*, os *hymnos* e os *epigrammas*: perderam-se o *Margites*, o *Cercopes*, a *Destruição de Oechalia*, as *Cypriacas*, e outras obras, de que fazem menção varios escriptores antigos.

As obras de Homero imprimiram-se pela primeira vez, no original, em Florença (1488): antes disso havia apparecido, em 1474, uma versão latina da *Iliada*: depois as edições multiplicaram, e talvez hoje o seu numero exceda o de 200. Tal é a avidéz, com que em tantos seculos se tem lido os cantos do grande poeta grego.

DESCRIPÇÃO DE MACÁU.

Os primeiros objectos que successivamente se offercem á curiosidade do navegante, quando demanda o porto de Macáu, são uma bateria portugueza (que, sobranceira aos rochedos e ao mar, domina toda a cidade), e o convento da Guia, notavel por suas altas muralhas, e copadas arvores, as unicas destes sitios. Por cima da Guia, no cume da rocha, se eleva outro mosteiro; e pela encosta da collina vem descendo as casas de Macáu, á maneira de degraus, até o mar, que lambe os alicerces das derradeiras. Occupa a nossa colonia um retalho de solo ingrato, e tão limitado, que no espaço de duas horas pôde ser visto, situado na ponta oriental da ilha de Negao-Men, a qual tem dez legoas de comprimento, e é a maior do archipelago, em cujo golfo desagua o Tigre, rio de Cantão.

Quando o imperador chin Khang-Hi, no meado do 16.º seculo, querendo remunerar os serviços prestados pelos nossos compatriotas contra os piratas, que infestavam estes mares, lhes deixou pôr pé naquella pequena parte dos seus estados, combinou as cousas de modo, que desta concessão jámais resultasse proveito aos fundadores da colonia, nem perigo ao continente. Se lhes concedesse uma ilha inteira, por mais pequena e esteril que fosse, estabelecidas fortificações nos pontos eminentes, e com o auxilio de uma pequena frota, assenhorar-se-iam das fauces do Tigre, constrangeriam os armadores de Cantão a pagar-lhes resgates, e dariam leis a toda a costa meridional. Para isto não acontecer, formaram os Chins uma linha de demarcação n'uma especie de istmo mui estreito, e todo o Portuguez que a ultrapassava, depois de maltractado pela povoação chin, era levado á presença dos mandarins, e se não podia remir-se a peso de ouro, soffria o supplicio da canga, ou ia parar a um carcere. Os Chins pelo contrario entravam livremente pelo nosso territorio.

Apesar de todos estes obstaculos, Macáu, fundada n'uma epocha em que Portugal tinha um formidavel poderio, em breve se fez florescente, e rica. Cobrem-se os escavados rochedos de opulentas casas, edificam-se nas alturas conventos guarnecidos de ameias, e um paço episcopal recheado de artilheria, e sobre as areias da praia, havia pouco deserta, já se divisam um caes, e amplos armazens.

Dois seculos durou este estado prospero, que diversas causas destruíram: a primeira foi o franquear-se a entrada dos portos da China aos navios Hollandezes e Inglezes, alternadamente dominadores dos mares da India. Assim que elles foram admittidos em Cantão, e lhes foi permittido ancorarem no porto da Typa, e na enseada de Wampoá, perdeu o nosso estabelecimento quasi toda a sua importancia, como emporio, e como posição maritima.

Foi a segunda causa da decadencia, força é confessalo, o terem os senhores da colonia, tão fortes quando Vasco da Gama, e Albuquerque os capitaneava, contrahido em tempos de paz e prosperidade, habitos de indolencia, e de fraqueza. Vendo nos Chins homens laboriosos e intelligentes, concederam-lhes plena confiança, e entregaram-lhes a direcção de quasi todos os negocios. Como se divulgasse este bom agasalho, veio acolher-se ao estabelecimento europeu a relé mais viciosa, e falta de probidade de toda a China, e os novos colonos absorveram pouco a pouco o nucleo portuguez, já adulterado pelo perpetuo encruzamento das raças.

Esta população turbulenta, assim introduzida em Macáu, foi docil e util em quanto a guarnição europea a conteve nos limites da obediencia; porém assim que perdemos a nossa preponderancia na India, e não podêmos enviar para a colonia senão cipaes, commandados por officiaes mestiços, aquella gente mais numerosa, mais activa, e mais intrepida do que a que se lhe devia oppôr, revoltando-se por diferentes vezes, chegou a introduzir-se na cidade, e a apoderar-se das fortalezas. Então os senhores de Macáu conheceram senhores: o menor pretexto bastava para os Chins se amotinarem, revolverem a feitoria, e roubarem as casas dos ricos Europeus. Isto os obrigou a invocarem a justiça indigena contra aquelles importunos hospedes; porém os mandarins, que foram chamados a Macáu, de taes ardis tem usado desde então, que o governador da colonia é hoje um agente passivo das suas vontades. Uma ordem deste funcionario asiatico pôde de um dia para o outro fechar a barra; toda a mercadoria que se embarca lhe paga um direito; e sem permissão sua não se assenta uma só pedra nas

paredes d'um edificio novo. Nem sempre o mandarim emprega a influencia directa para levar a effeito seus propositos; as mais das vezes serve-se de meios indirectos. Se quer, por exemplo, fechar o porto, transmite as suas ordens, não aos Portuguezes ou aos seus chefes, mas aos Chins, que está auctorizado para punir, e prohibe a todos os pilotos que vão buscar as embarcações ao mar alto: se quer lançar uma contribuição sobre os predios que se estão edificando, ordena aos obreiros que exijam a taxa como augmento de salario; e se acaso os nossos quizessem oppôr a força á malicia, o mandarim interceptaria a passagem dos mantimentos para Macáu, e instigaria contra os Europeus a plebe, promettendo-lhe a impunidade.

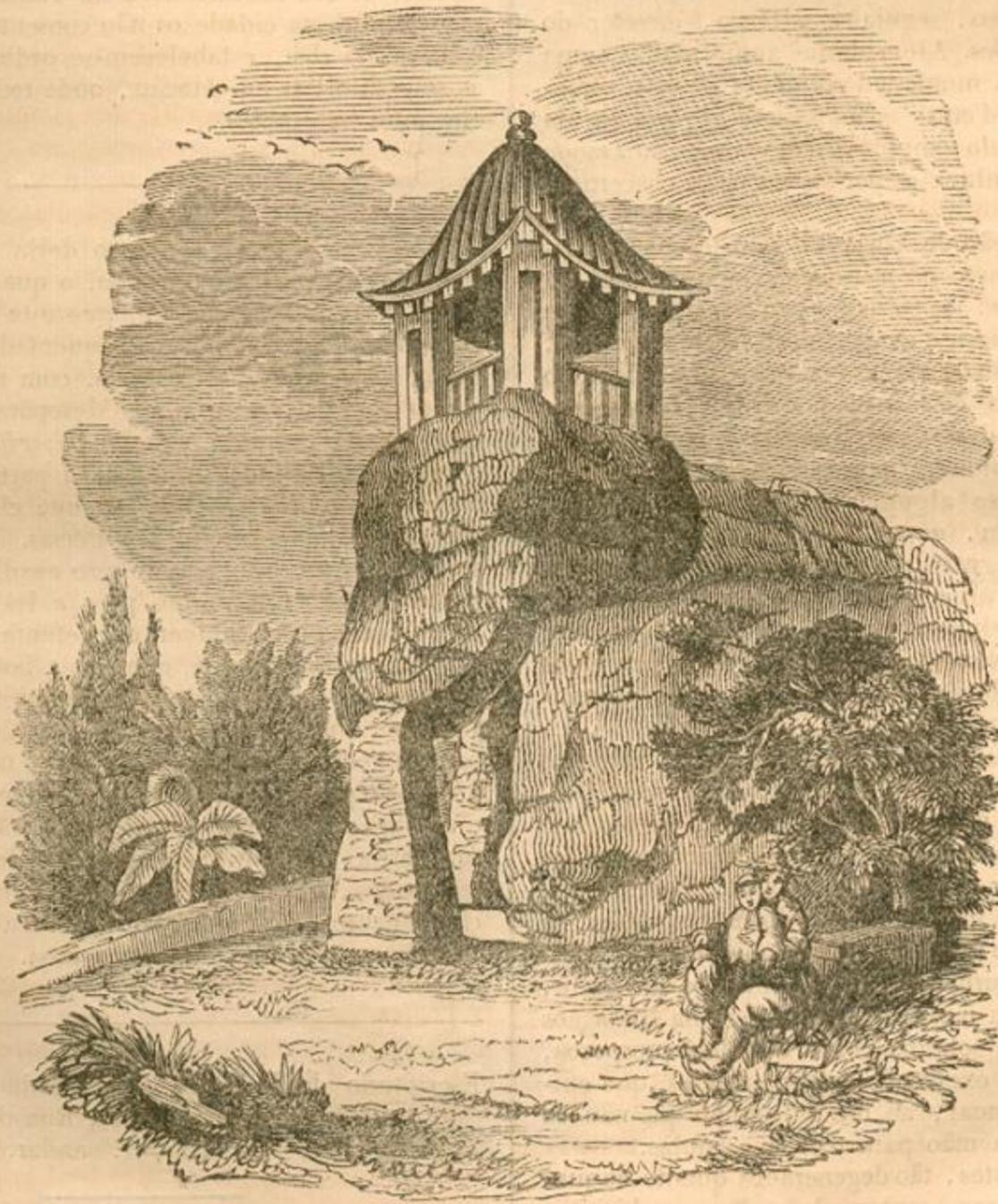
Quatro fortalezas defendem Macáu. N'uma dellas, que tem uma cisterna, quatro fontes d'agoa nativa, e casamatas, e quartéis para 1.000 homens, existiam ainda em 1829, epocha a que se refere esta descripção, quarenta peças d'artilheria. A outra mais pequena, e provida de trinta peças, tem tambem uma fonte inexaurivel, porém não póde accomodar senão 300 soldados. Estas duas fortificações; collocadas nas maiores alturas da ilha, dominam todo o territorio, e apesar disso não podem resistir á má vontade, e á astucia dos mandarins; porque se hoje trovejasse a artilheria, começariam amanhã a sentir os Macaistas os rigores da fome.

Com ser tão acanhado o territorio da colonia, não deixa de conter, além da cathedral e do acastellado convento da Guia, residencia do bispo, e dos doze conegos seus vigarios, umas dez igrejas ou conventos de religiosos d'ambos os sexos, assim como tres hospitaes civis ou militares.

Ao descer da cidade alta para as praias avistam-se de tempos a tempos, nos sitios mais ermos, as latedas de flores, e os alvejantes tumulos dos cemiterios chins.

As ruas de Macáu, proximas ao mar, são estreitas, tortuosas, e çujas, porém não tão immundas como eram antes de os Chins introduzirem na cidade certo espirito de ordem e aceio, que sempre os acompanha. As casas, feitas de pedra, e caiadas por fóra, teem uma apparencia de regularidade e de riqueza. Os armazens, os depositos das alfandegas, e os mercados são cobertos, e lavados de ares; porém o que principalmente enleva os olhos é a estudada disposição das fazendas, que os Chins expõem á venda do modo o mais proprio para realçar o seu valor, e para despertar nos viandantes os desejos de compra-las, os quaes, se não usam das mais minuciosas precauções, quando pensam ter feito excellentes compras, acham o seu dinheiro convertido em cousas de nenhuma valia, pois ninguem leva a palma aos Chins na arte de tirar dinheiro aos estrangeiros por meios fraudulentos.

O mais notavel objecto de Macáu, pela natureza das recordações que excita, é a gruta de um rochedo, em cujo cimo tinha o residente inglez feito construir um pavilhão ou mirante, d'onde se descobre a enseada, e parte do porto de Typa, povoado de bateis toldados de palha entrançada, de barcas que conduzem sal para Cantão, e dos juncos de guerra, em cujos mastros, curtos e grossos, tremulam bandeirolas de vinte côres diversas, dispostas em duas fileiras em torno do junco almirante, distincto pelo pavilhão amarello, ornado de dois bastões de mandarim.



GRUTA DE CAMCENS.

No concavo deste rochedo, que fórma como uma arcada de paredes quasi a pino, inflammado no mais puro amor da patria, compoz o nosso insigne Luiz de Camões parte do immortal poema dos Luisadas, unico thesouro salvo por elle do furor das ondas, e o mais perduravel monumento dos heroicos feitos dos seus compatriotas. Para aqui se retirava o amante infeliz, o guerreiro intrepido e desvalido, o poeta philosopho e esquecido, o viajante observador e naufrago, o homem, finalmente, cuja gloria só podia ser igualada pelas suas desventuras; que não movido de premio vil, mas prevendo de mui longe que a sua lyra seria mais afamada que ditosa, ergueu até ás estrellas o pregão do ninho seu paterno, e confiando sómente na justiça da posteridade, expirou com a patria, ao annunciarem-lhe o fatal exito da batalha de Alcacer-Kebir. Ahi por ventura saudades da sua Nathercia vieram provocar as lagrimas do homem affeito a contemplar impassivel o espectaculo das pelejas, e a supportar resignado o peso do infortunio. Ainda hoje quando o forasteiro examina o interior do rochedo, todos os objectos que divisa lhe infundem tão religioso respeito, como se a alma do grande poeta jámais se houvesse apartado da lapa, confidente dos seus intimos pensamentos.

Compunha-se o governo portuguez de Macáu d'um governador, nomeado para exercer este cargo por tres annos, o qual tomava o titulo pomposo de capitão general, e commandava uma guarnição de 400 homens; e do desembargador ou juiz civil, que exercia cumulativamente as funcções de chefe da alfandega, e administrava os bens vagos, e os fundos legados aos estabelecimentos pios. Depois deste logar, muito cubicado e rendoso, seguia-se o bispo, director do clero, e das missões. Além destas authoridades, uma especie de camara municipal composta de sete vereadores, escolhidos d'entre os mais ricos negociantes da colonia, com o titulo vanglorioso de *augusto senado de Macáu*, regulava os poucos negocios concernentes á cidade.

Toda a guarnição de Macáu, consiste em 200 cipaes, e igual numero de milicianos, empregados em patrulhar de noite: os soldados andam armados de páus, e só aos officiaes é permittido trazerem espadas, de que não podem fazer uso contra um Chim. Quando qualquer individuo desta nação é preso, mesmo em flagrante delicto, deve de ser tractado com certo melindre, e ai do soldado, que voluntaria ou involuntariamente matasse algum, porque seria reclamado pelo mandarim, e por sua ordem enforcado na praça, á vista da guarnição formada; mas se o Chim fosse o homicida uma multa paga ao mandarim, o absolveria provavelmente de toda a culpa e pena. Por occasião de taes execuções recebem os magnatas chins as salvas das fortalezas ao entrarem na praça, e quando della se retiram.

Macáu, portugueza no nome, é quasi inteiramente habitada pelos subditos do imperador da China. Destes, vinte e cinco mil moram na cidade, e cinco mil nos campos ou *locas*; e como a população total se julga ser de trinta e quatro mil almas, segue-se que andarás por quatro mil o numero dos Portuguezes, se é que este nome se póde dar a uma raça mixta, composta de sangue europeu, indio, chim, e até cafre, reputada na China inferior aos Chins, e na India aos Indios, ainda tão soberba como nos dias prosperos, pois crê aviltar-se exercendo certos misteres, que exigem trabalho manual, ao mesmo tempo que não se peja de estender a mão para receber esmolos.

Todavia estes entes, tão degenerados quanto ás qualidades moraes, teem conservado melhor as phisicas, por quanto são robustos, airosos, e de elevada esta-

tura. Mais ou menos morenos, todos tem, em geral, feições regulares, e olhos negros e expressivos.

Outro tanto não póde dizer-se das mestiças de Macáu, ás quaes a tez amarella, os narizes chatos, as enormes bocas, arruinadas pelo uso dos cachimbos, os olhos sem brilho, os cabellos encrespados, e o máu feitio das testas desfeiam muitissimo. Apesar destes defeitos, quando ellas transitam pelas ruas, com metade do rosto occulto nas mantilhas transparentes, arrastando as chinelinhas de marroquim salpicado de diversas côres, e com as roupões apertados com uma tanga, graças a este traje desusado, não deixam de agradar aos recém-chegados.

A maior parte destas mulheres, e as mais bonitas, são as que provém da união das Chins e dos Europeus. Dão-lhes o nome de *Chinas-Portuguezas*, e teem fama de peritas na arte de preparar o opio, e de ministra-lo aos fumantes.

Era o opio n'outro tempo o mais lucrativo ramo de negocio de Macáu, d'onde passava por contrabando para Cantão; mas hoje que as authoridades chins teem tomado precauções contra a sua introduccão no territorio do imperio, reduzem-se os recursos de Macáu a um pequeno commercio de cabotagem com Tourame, Saigong, Sincapura, e Philippinas.

Finalmente, como povo neutro entre os Portuguezes e os Chins, existe um pequeno nucleo de negociantes europeus, insignificantes em numero, mas influentes por sua posição, e em attenção ás nações a que pertencem. A China não ignora, que não offenderia impunemente os Inglezes, Americanos, Francezes, e Hollandezes; e se os não ama, respeita-os ao menos. O forte do seu commercio é em Cantão, porém como o governo desta cidade os não consente alli depois da compra do chá, estabelecem-se ordinariamente com as suas familias em Macáu, onde teem feito edificar elegantes habitações.

A morta viajando. — Pietro della Valle, viajante italiano de extremada ousadia, o qual viveu no seculo 17, e nos deixou uma interessante relação de muitas regiões do Oriente pouco frequentadas de Europeus, casou, quando estava na Syria, com uma formosa rapariga christã, natural da Mesopotamia. Posto que mui moça e delicada, a bella *Giserida* acompanhava o peregrino italiano para toda a parte, e até estava a seu lado n'uma batalha, em que elle combateu como official no exercito dos Persas. Uma prematura morte a separou do marido que escolhêra, estando a ponto de partirem ambos para a India; porém elle levou comsigo o cadaver da defunta, para o que o metteu em um ataúde, que pôz a bordo de um navio em que ia, e o depositou no camarote onde dormia. Durante quatro annos foi este caixão o inseparavel companheiro de Pietro della Valle nas suas longas e arriscadas peregrinações, tanto por mar como por terra, e no fim deste periodo, o viajante, chegando a Roma sua patria, o depositou no carneiro de seus nobres antepassados, recitando elle mesmo uma eloquente oração funebre, em que relatou a vida e aventuras extraordinarias de sua extincta esposa.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Crucifixo N.º 13 = 1.º andar.